

Ciência, linguagem e valor na obra de Adam Smith

Julia Fleider Marchevsky

Doutoranda no programa de Teoria Econômica do Cedeplar – UFMG

Área de submissão: História econômica, do pensamento econômica e demografia histórica.

O objetivo deste artigo é salientar a importância da linguagem na construção teórica proposta por Adam Smith. Com base em ensaios como *Considerações sobre a primeira formação das línguas* e a *História da Astronomia*, procuramos mostrar que a teoria do valor pode ser compreendida de forma análoga a como Smith concebe a formação de uma língua. Para tanto, abordamos a proximidade da construção de conhecimentos e a gênese das palavras na obra de Smith para, em seguida, apresentarmos como a teoria do valor é fundamentada nessa concepção de ciência ancorada em uma teoria das línguas.

Palavras chaves: Adam Smith, teoria do valor, linguagem

Ciência, linguagem e valor na obra de Adam Smith

Julia Fleider Marchevsky

I. Introdução

No Livro IV de *A Riqueza das Nações*, Adam Smith apresenta críticas às medidas de riqueza propostas pelos mercantilistas e pelos fisiocratas a partir de sua teoria do valor – apresentada já no primeiro livro da obra – fundada no trabalho. O objetivo desse artigo é mostrar que essa teoria do valor e as críticas aos demais sistemas de economia política são baseadas em uma metodologia específica. Esta não é empregada apenas em *A Riqueza das Nações*, mas também está presente em outras partes da obra de Smith. Dessa forma, procuramos mostrar, nas palavras de Christopher Berry: “Smith enquanto comentador e praticante da ciência” (BERRY, 2006, p. 112).

A teoria do valor de Smith e o paralelo entre *A Riqueza das Nações* e a ciência já foram bastante abordados. Inclusive, Asproumorgos aponta que “não há dúvida que Smith considerava *A Riqueza das Nações* como uma contribuição para a ciência da Economia Política” (ASPROMOURGOS, 2009, p. 11). Todavia, a relação entre linguagem, ciência e a construção da economia política na obra de Smith ainda pode ser bastante explorada. Em síntese, nosso objetivo é trazer novos elementos via o paralelo entre método, economia e linguagem para compreender as relações entre os diferentes textos desse autor considerado um dos fundadores da ciência econômica.

O método utilizado por Smith – e outros filósofos escoceses, em especial John Millar, Lord Kames e Adam Ferguson – na maior parte de suas investigações visa necessário olhar para as diversas manifestações de certo fenômeno social e extrair o que é comum entre elas. Ele tem o propósito de criar, a partir de observações, um sistema capaz de organizar uma multiplicidade de fenômenos apresentados pela Natureza¹. Embora tenha sido bastante influenciado por modelos de filosofia natural, como de Isaac Newton, Francis Bacon e Conde de Buffon², Smith volta-se mais para as análises de filosofia moral (o que corresponde, de maneira aproximada, às chamadas ciências humanas). Esse método específico, como pretendemos mostrar ao longo do artigo, é mobilizado em estudos acerca de diferentes instituições sociais, passando pela análise da produção de conhecimento científico, da linguagem e da economia política.

¹ Essa ênfase também está presente na descrição que John Millar, segundo Dugald Stewart, faz das aulas de Smith de apresentar uma “visão geral dos poderes da mente” (Stewart, I.16).

² Por exemplo, na carta para a revista *Edinburgh Review*, publicada em 1756, Smith menciona que a *Enciclopédia* teria sido uma importante fonte acerca das ideias de Bacon, Boyle e Newton, além de citar elogiar os trabalhos dos naturalistas Buffon e Daubenton (*Edinburgh Review*, 5 e 6).

Para percorrer esse trajeto, partimos, em primeiro lugar, de três ensaios de Smith publicados postumamente no ano de 1795 – *História da Astronomia*, *História da Metafísica* e *História da Física* –, a fim de examinar que a constituição da ciência é feita com base na elaboração de sistemas. Os indivíduos partem de elementos familiares, criando combinações e conexões entre eles, para compreender o desconhecido. Procuram estabelecer regras gerais acerca do comportamento de certo fenômeno, como o movimento dos astros ou as transformações dos corpos na Terra. Em suma, esses ensaios conseguem revelar a concepção que Smith tinha sobre a ciência, concepção que está presente ao longo das investigações empreendidas pelo autor.

Em seguida, mobilizamos o ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas* a fim de investigar as fortes relações estabelecidas por Smith entre a construção do conhecimento e a linguagem. Pelo ensaio, nota-se que o entendimento humano está ancorado na linguagem. A prática da ciência, portanto, não seria independente de convenções sociais. Muito pelo contrário, seria dependente delas.

A terceira parte desse artigo é dedicado à investigação sobre as formas de composição contida nas anotações das aulas de retórica e belas letras ministradas por Smith. Com base nesse registro, vemos a maneira como Smith compreende a elaboração de um texto voltado para a ciência³, isto é, uma composição didática. Com isso, almejamos mostrar como a filosofia para Smith não está ligada somente à formulação de certas regras, mas também ao próprio método de exposição.

Tendo já mostrado os principais aspectos metodológicos da obra de Smith, a quarta parte almeja examinar como a noção de trabalho enquanto medida de riqueza, exposta em *A Riqueza das Nações*, é a proposta de um princípio mais geral e simples para compreender o acúmulo material nas mais diferentes sociedades. Ademais, procuramos mostrar a relação entre a constituição de um princípio de economia política e a formação da linguagem. Além de ambas corresponderem a um processo bastante próximo de abstração, as relações de troca podem ser enxergadas enquanto um exercício específico de comunicação e, portanto, uma espécie de língua.

Esperamos que esse artigo, além de trazer uma pequena contribuição para os estudos acerca da obra de Adam Smith, possa servir para a reflexão da própria prática da ciência econômica. A importância que Smith atribui à linguagem na construção do

³ Os termos ciência e filosofia aparecem como sinônimos na maior parte dos escritos de Smith. Vale ressaltar que a ciência ainda é bastante abrangente no século XVIII, sem apresentar divisões como ciência econômica. Christopher Berry, por exemplo, cita a variedade de estudos empreendida pela *Glasgow Literary Society* e afirma como: “é uma característica significativa do período que a ‘ciência’ não existia em algum compartimento intelectual separado, mas permeava a cultura política (polite) e literária” (BERRY, 2006, p. 115, tradução nossa).

conhecimento destaca que este depende da forma como é expresso e não independe do contexto social que está inserido. Em outras palavras, a perspectiva de Smith sobre a ciência pode trazer elementos para pensarmos o papel ativo do sujeito na construção dos mais diversos saberes.

II. O método das ciências

Com a finalidade de expor os princípios das investigações filosóficas, Smith escreveu três ensaios, cada um ilustrado pela história de algum ramo da filosofia natural. Tais estudos, direcionados a compreender como o ser humano constrói o próprio conhecimento acerca do mundo, foram publicados em 1795, após a morte do autor, na coletânea denominada *Ensaio sobre Temas Filosóficos (Essays on Philosophical Subjects)*. O maior e mais famoso dentre eles é a *História da Astronomia*⁴, obra que “deve ser enxergada, não como uma História ou Relato da teoria astronômica do Sir Isaac Newton” (HA, p. 105), conforme esclarece a nota dos editores, Joseph Black e James Hutton, da primeira edição, “mas principalmente como uma ilustração adicional dos Princípios da Mente Humana, os quais o Sr. Smith apontou como os motivos universais da Investigação Filosófica” (HA, p. 105). Ademais, os outros dois pequenos ensaios já têm seu objetivo explícito em seus próprios títulos: *Os Princípios que guiam e dirigem as investigações filosóficas: ilustrados pela história da Física Antiga (História da Física)* e *Os Princípios que guiam e dirigem as investigações filosóficas: ilustrados pela história da Lógica Antiga e da Metafísica (História da Metafísica)*.

Em *História da Astronomia*, o mais longo entre os três ensaios mencionados, apresentam-se, primeiramente, os sentimentos que impulsionariam o ser humano a construir teorias que estabelecessem conexões entre as variadas manifestações da natureza. Apenas após tal apresentação, narra-se o progresso dos sistemas astronômicos, desde os gregos até o modelo de Newton, de maneira a ilustrar a atuação desses três impulsos na construção do conhecimento. Já *História da Física*, consideravelmente menor que *História da Astronomia*, relata os modelos presentes na Grécia Antiga acerca das transformações dos corpos terrestres. Essa exposição enfatiza a importância de combinar elementos bastante simples – no caso, o fogo, a água, a terra e o ar – para ser possível encadear as mais diferentes mutações da natureza. E, por último, o ensaio *História da Metafísica* acaba por entrar mais diretamente no tema do que cabe à Filosofia

⁴ Schumpeter chega a afirmar que *A História da Astronomia* é a pérola entre os textos de Smith. Schumpeter, inclusive, não valorizava muito os textos econômicos de Smith, chegando a afirmar que “se não fosse pelo fato inegável, ninguém creditaria ao autor de *A Riqueza das Nações* o poder de escrevê-los [os três ensaios sobre os princípios da investigação]” (SCHUMPETER, 1954, p. 177).

investigar a essência, o que há em comum, entre os distintos indivíduos de cada espécie, empregando uma crítica à teoria do conhecimento de Platão.

Nesses três ensaios, Smith mostra os principais fundamentos da construção do conhecimento científico. Não seria de se estranhar, como exploramos no decorrer desse artigo, que ele mobilizasse tais concepções em suas próprias investigações. Por exemplo, por trás das críticas que Smith faz a outros sistemas econômicos, há uma noção do que torna um modelo superior aos demais. Todavia, nosso objetivo nessa primeira parte é mostrar os principais aspectos que Smith atribui à ciência a fim de, posteriormente, vermos como que eles estão presentes em *A Riqueza das Nações*, mais especificamente, nas críticas às teorias mercantilista e fisiocrática.

Voltando aos ensaios de Smith acerca dos princípios que regem as investigações filosóficas, percebemos que os mais diversos modelos, como de física e de astronomia, são concebidos enquanto propostas de sistemas. Estes têm a finalidade de criar uma ordem para os mais distintos fenômenos da natureza. A origem e o progresso dos sistemas astronômicos são fundados em três sentimentos: admiração, surpresa e espanto (*Admire, Surprise e Wonder*, respectivamente). Algo grandioso e belo é digno de admiração, já o inesperado suscita surpresa e, por último, o desconhecido causa espanto. Apesar de não se alongar muito sobre a admiração em *A História da Astronomia*⁵, Smith explica que a surpresa e o espanto são ocasionados por uma interrupção no andamento das relações estabelecidas pela imaginação. A imaginação para Smith tem a capacidade de estabelecer uma conexão entre dois ou mais fenômenos, como se fosse “uma ponte, [a qual] pode, ao menos, unir aqueles objetos aparentemente distantes, tornando a passagem do pensamento entre eles suave, natural e tranquila” (HA, II.8). Tal processo acarreta a contínua construção de sistemas com o objetivo de conectar os mais diversos elementos observados pelos indivíduos, promovendo o aperfeiçoamento da ciência.

Independente do seu grau de complexidade, um sistema torna-se cada vez mais aprimorado conforme diminui o número de princípios em sua organização. Uma vez que o estímulo do ser humano para investigar os padrões entre as mais diversas ocorrências são os sentimentos de espanto, admiração e surpresa, um número menor de princípios conectores torna a ligação entre diferentes fenômenos mais simples. Por conseguinte, a mente é tranquilizada, pois a passagem de uma observação para outra torna-se mais suave e dotada de menos interrupções abruptas⁶. Essa simplicidade é o que configura, segundo

⁵ Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith define o conceito de admiração como “aprovação intensificada pela surpresa e pelo espanto” (TMS, I.i.4.3).

⁶ Diversas passagens ressaltam a importância de uma conexão simples a fim de tranquilizar a mente. Cf. HP, 2; HA, IV.13; IV.15 e IV.19.

Smith, em tão belo e superior o sistema de Newton baseado no princípio da gravidade: “Sir Isaac Newton [...] faz o mais feliz, e, podemos dizer, o maior e mais admirável aprimoramento já feito na filosofia, quando ele descobriu que podia unir os movimentos dos planetas por um princípio de conexão tão familiar [...]” (HA, IV.67). Aliás, é perceptível que Smith, ao longo de suas obras, procura elaborar um sistema simples, reduzido ao máximo no número de princípios⁷. Por exemplo, Belivacqua (1965, p. 49) nota como a simpatia, princípio basilar da *Teoria dos Sentimentos Morais*, é mais simples, no sentido de apresentar menos princípios, que de muitos modelos de filosofia moral do período, em particular de Francis Hutcheson, Thomas Reid, Alexander Gerald e Lord Kames⁸.

Cada indivíduo, segundo Smith, procura combinar os objetos mais familiares no esforço de decifrar o desconhecido. Esse movimento proporciona a redução no número dos elos criados para conectar as diferentes observações, pois possibilita pensar uma grande variedade de fenômenos pela combinação de poucos elementos. Em *História da Física*, Smith descreve que os modelos físicos da Grécia Antiga foram formados com base nas características de quatro elementos, extremamente familiares aos seres humanos: fogo (seco e quente), água (úmido e frio), terra (seco e frio) e ar (úmido e quente) (HP, 5). Por meio das combinações entre eles, compreendia-se os diversos objetos da natureza. Por exemplo, o vapor corresponderia à mistura de certa proporção entre a água e o fogo (HP, 7). A elaboração de um sistema, pois, é resultado da combinatória das percepções de objetos bastante conhecidos a fim de aproximar-se do novo.

Percebe-se que um dos quatro elementos estão diretamente relacionados a efeitos de temperatura e de umidade. É a combinação desses efeitos que permite caracterizar as diferentes transformações entre os corpos, por exemplo “o frio ou o calor pareciam a causa do crescimento e da dissolução de plantas e animais” (HP, 5). Além de provar ligações para as mudanças sofridas na natureza, os efeitos desses quatro elementos fornecem as bases para organizar e classificar, em certos grupos, os mais diferentes

⁷ A importância da simplicidade é notada por diversos comentadores das obras de Smith, inclusive com referências a diferentes partes. No caso de linguagem, Land (1977, p. 690) afirma como o modelo de linguagem proposto por Smith é mais simples que dos seus contemporâneos, como Condillac e Monboddo. Reisman (1976, p. 41-43) afirma como o progresso dos modelos científicos para Smith está atrelada à redução do número de princípios, ou seja, uma simplificação.

⁸ Para Belivacqua (1965, p. 49), o princípio de simpatia proposto por Smith oferece um modelo acerca dos julgamentos tanto éticos quanto estéticos de maneira muito mais simples que os demais autores, como Hutcheson, Kames, Reid e Gerald, os quais fazem uso de múltiplos princípios em suas teorias.

indivíduos: “as grandes divisões dos objetos próximos à superfície da Terra são entre quente e frio, seco e úmido, e leve e pesado” (HP, 5)⁹.

A aquisição de conhecimento, dentro dessa perspectiva, equivale à construção de sistemas a partir da combinatória de fenômenos ou objetos mais familiares. Ou seja, a classificação das espécies é feita pelo discernimento de características comuns entre as mais variadas manifestações da natureza. Como veremos mais adiante, a constituição de um sistema é análoga à formação de uma linguagem, pois – além de estabelecer uma conexão entre diversos fenômenos – ambos são contínuas combinações entre o familiar a fim de compreender o novo¹⁰. É, portanto, pelo processo de combinação que a sociedade compõe as mais diversas espécies a fim de organizar as representações da natureza, criando diversas abstrações (HA, II.1).

Como o conhecimento, conforme aponta Smith, é criado com base no familiar, o hábito e a observação têm funções imprescindíveis nesse processo. É somente a partir de certo grau de repetição que as coisas se tornam familiares. Todavia, essa reiteração é apenas parcial, porque as experiências são singulares e individuais (HM, 3). Até as percepções do mesmo objeto apresentam diferenças entre si. É sempre, portanto, a comparação entre particulares que conforma a espécie. Ou seja, a espécie não pode preceder aos indivíduos¹¹. Conforme essa perspectiva, o conhecimento é empírico. Advém somente da observação e dos consequentes processos de comparação, classificação e generalização. Em suma, encontrar certas regularidades naquilo que é comum a uma espécie a partir da observação corresponde ao caminho da investigação filosófica.

A importância de construir o universal é justificada pela separação, apresentada em *História da Metafísica*, de qualquer espécie em duas partes: a particular e a essencial. A primeira corresponde ao que é singular em cada indivíduo, enquanto a segunda é a estrutura comum a todos membros de uma espécie (HM, I). Essa essência se remete a certas leis que regem os corpos com determinada estrutura, isto é, as regras de interação

⁹ Smith adiciona que, segundo o modelo da Grécia Antiga, o fogo e o ar eram associados à leveza e a terra e a água ao peso (HP, 5 e 6)

¹⁰ Em *Considerações*, Smith escreve que “os homens são naturalmente inclinados a dar a um objeto o nome de um outro com o qual mantenha uma estreita semelhança, e assim denominar uma multidão por uma palavra que foi originalmente designada para expressar um indivíduo” (*Considerações*, I). Esse processo é explorado mais detalhadamente na parte anterior desse capítulo.

¹¹ No ensaio *História da Metafísica*, Smith retoma o conceito platônico de reminiscência a fim de criticar a noção que nossas ideias são anteriores às sensações. A partir da reminiscência, as ideias (Ideias, segundo Smith, são para Platão o equivalente de Espécies para Aristóteles) são fruto de uma lembrança anterior à própria existência, pois a alma teve acesso ao conhecimento dos Universais. Dessa forma, as ideias para Platão precederiam no tempo à própria matéria, isto é, os conceitos abstratos teriam uma relação de independência aos indivíduos concretos. A crítica à filosofia de Platão tem como pano de fundo a defesa epistemológica de Smith da impossibilidade de a espécie preceder aos próprios indivíduos (HM, 5-7)

de cada espécie. É para essas leis que as investigações filosóficas de Smith – influenciadas por trabalhos como de Newton e Buffon – são voltadas. A ênfase em uma essência, na estrutura, é ilustrada pela descrição, em *História da Metafísica*, da investigação sobre o elemento água. Tal pesquisa não tem, segundo Smith, o objetivo de definir as propriedades da água, isto é, a natureza essencial do elemento, e sim compreender as leis que regem o comportamento da substância. As investigações devem mobilizar as particularidades de cada circunstância, como temperatura ou forma, a fim de obter leis gerais, pois a “Filosofia [...] se limita àquelas coisas que são comuns a toda água” (HM, I). Tendo isso em vista, é necessário observar a água em cada uma de suas circunstâncias particulares, compará-las e extrair os princípios válidos nas mais diversas situações, de acordo com o método empírico. Esse exemplo, assim como o interesse pelos modelos astronômicos, mostra que a filosofia natural inspira, ao menos, os estudos voltados para as instituições sociais. Ele também ressalta a necessidade de se voltar para a história de cada sociedade para poder elaborar uma teoria geral, pois da mesma forma que é preciso examinar a água em diferentes circunstâncias, também é imprescindível olhar para o ser humano em diferentes situações:

Mas é do efeito dos corpos entre si que todas as mudanças e revoluções no mundo vêm. Como isso, portanto, depende da essência particular [specific essences] desses corpos, o trabalho da filosofia, aquela ciência que busca conectar todas as diferentes mudanças ocorridas no mundo, deve ser determinar em que a essência particular de cada objeto individual não é aquela peculiar a ele como indivíduo, mas aquela comum a ele, e todos os objetos do mesmo tipo (HM, I).

O trecho destacado expõe que a filosofia para Smith é uma atividade com a finalidade de ligar as mais distintas transformações ao estabelecer a essência – aquilo que é comum – de uma espécie. Tal essência corresponde aos princípios imanentes da interação entre certos corpos, compondo um sistema com a capacidade de explicar os mais diferentes acontecimentos. Entretanto, é importante ressaltar que os elos entre as observações são, conforme descreve Smith, frutos da imaginação. Nesse sentido, eles são uma abstração criada pela própria mente humana: “a essência específica, ou natureza universal, atribuída a cada classe particular dos seres, não foi resultado de qualquer dos nossos sentidos, mas somente pode ser apreendida pelo entendimento [*understanding*]” (HM, 11).

Esse esforço de classificação e abstração na construção do conhecimento científico é análogo ao processo que Smith descreve sobre a formação da linguagem. Smith enfatiza o caráter imaginativo dos elos criados para explicar a realidade como se

tais relações fossem apenas expressões que não existem, de fato, na natureza. Em *A História da Astronomia*, o autor afirma que a elaboração de sistemas é “como meras invenções da imaginação” (HA, IV.76), a qual acaba nos “levando imperceptivelmente a fazer uso da linguagem ao expressar os princípios conectores [...] como se fossem os verdadeiros ligamentos utilizados pela Natureza para unir suas diversas operações” (HA, IV.76).

III. Linguagem e método

Smith publicou um breve ensaio denominado *Considerações sobre a primeira formação das línguas*¹², no qual examina os mecanismos de formação da linguagem. Apesar de não ter escrito uma obra extensa sobre linguagem, ele valorizava, segundo Dugald Stewart, muito esse ensaio (Stewart, 44). Depois de publica-lo em 1761 na revista *Philological Miscelany*, adiciona-o como um apêndice da *Teoria dos Sentimentos Morais* a partir da terceira edição, em 1767, de sua primeira grande obra (BRYCE, 1983, p. 27 e 28). Tais estudos trazem importantes elementos para compreender os aspectos metodológicos da obra de Smith¹³, pois mostram a importância da linguagem na constituição do entendimento humano¹⁴. Primeiramente, *Considerações* é um exemplo da aplicação dos princípios da investigação filosófica descritos em *História da Astronomia*, *História da Física* e *História da Metafísica*, pois abrange a análise dos princípios gerais da linguagem, de forma a criar um sistema. Em segundo lugar, o modelo de desenvolvimento das línguas apresentado por Smith é análogo à própria formação do conhecimento. Por último, se levarmos tal leitura adiante, é possível olhar para a construção de conhecimentos enquanto processo contínuo de formação da linguagem.

O pequeno ensaio incluso na terceira edição da *Teoria dos Sentimentos Morais* discorre sobre o uso da língua ao analisar os mecanismos imanentes no processo de construção dos signos. Tal pesquisa envolve a necessidade de encontrar a essência comum a todas as línguas, procurar as semelhanças entre as diversas formas de

¹² Doravante, nos referimos ao ensaio apenas por *Considerações*. O nome completo do ensaio é *Considerações, sobre a primeira formação das línguas e sobre a diferença de gênio entre as línguas originais e compostas (Considerations, concerning the first formation of languages and the Different Genius of original and compounded languages)*.

¹³ Dugald Stewart aponta a importância do ensaio para compreender o tipo de investigação utilizada por Smith (Stewart, II.44). Intérpretes mais recentes, como Dascal (2006, p. 80), também enfatizam a importância da linguagem para apreciar o modelo epistemológico de Smith.

¹⁴ A relação entre o conhecimento e a linguagem é um importante debate nos séculos XVII e XVIII, como aponta Marcelo Dascal. A principal questão é se a linguagem seria apenas um reflexo das operações da mente, sem lhe exercer impactos ou, ao contrário, se o processo de formação da linguagem seria parte fundamental dos próprios pensamentos. A visão de Smith pertenceria ao segundo grupo, segundo o intérprete (DASCAL, 2006, p. 81 e 82). Cf. BRYCE, 1983, p. 25

comunicação. Com bases em exemplos históricos e observações do comportamento humano, Smith investiga os princípios gerais de formação da linguagem a fim de promover um bom uso da fala e da escrita¹⁵ – de maneira geral, da comunicação –, pois uma boa gramática deve se atentar aos mecanismos intrínsecos à construção das línguas. Essa relação pode ser percebida na única nota de rodapé de *Considerações*¹⁶, na qual há uma crítica ao gramático Sanctius¹⁷ por atrelar um sujeito aos verbos impessoais e não respeitar as propriedades da linguagem (*Considerações*, 30). O argumento principal dessa crítica não é se os verbos impessoais devem ou não ter um sujeito – uma questão de *Gramática particular* – e sim que as regras gramaticais de cada língua podem tornar-se inadequadas sem a devida atenção aos mecanismos de funcionamento da linguagem – objeto da *Gramática geral* – seguindo a classificação de Nicolas Beauzée¹⁸. Este, em seu verbete *Gramática* escrito para a *Enciclopédia*¹⁹, denomina o estudo com foco nos mecanismos imanentes à linguagem de *Gramática geral*, a qual é uma “ciência, pois seu objetivo se resume à especulação razoada dos princípios imutáveis e gerais da fala” (BEAUZÉE, 2015, p. 331). A *Gramática geral* se contrapõe à *Gramática particular*, “uma arte, pois considera a aplicação prática das instituições arbitrárias e usuais de uma língua particular aos princípios gerais da fala” (BEAUZÉE, 2015, p. 331). Em outras palavras, a primeira corresponde à análise dos mecanismos que originam e conformam qualquer língua, já a segunda é o estabelecimento de regras gramaticais para o uso de uma língua específica. Em *Considerações*, é claro que Smith não está propondo uma gramática específica para o inglês, e sim buscando destacar os “princípios imutáveis” da linguagem.

¹⁵ Lord Kames exerceu um importante papel de incentivar os estudos voltados para retórica, a fim de aprimorar o uso do inglês na Escócia. Inclusive, ele promoveu as aulas de Smith na Universidade de Edimburgo. Cf. BELIVACQUA, 1965, p. 41 e 42; BRYCE, 1985 [1983], p. 8 e *Stewart*, I.12.

¹⁶ Segue a nota de rodapé: "Como a maior parte dos verbos expressam, atualmente, não um evento, mas o atributo de um evento. Consequentemente, ela requer um sujeito ou um caso para completar seu sentido. Alguns gramáticos, por não atentarem a esse progresso da natureza e por desejarem tornar suas regras comuns universais, e sem qualquer exceção, insistiram que todos os verbos demandassem um nominativo, seja expresso seja subentendido e torturaram-se para encontrar estranhos nominativos para aqueles poucos verbos, os quais expressam um evento completo e claramente não admitem nenhum caso nominativo. *Pluit*, por exemplo, segundo Sanctius, significa *pluvial pluit*: a chuva chove" (*Considerações*, 30).

¹⁷ Sanctius (1523 – 1600), nascido na Espanha com o nome de Francisco Sánchez de la Brozas, foi um importante gramático, sendo relacionado com a escola de Port Royal. Sobre Sanctius, cf. BREVA-CLARAMONTE, M. Sanctius Theory of Language – A contribution to the history of the Renaissance linguistics. Universidad de Deusto, Bilbao, 1983.

¹⁸ Gramático francês e colaborador para artigos da *Enciclopédia* editada por Diderot e D’Alembert. Plank enfatiza que apesar das semelhanças entre a abordagem de *Considerações* e o verbete, Smith não teria lido o verbete, publicado em 1765, antes de escrever o ensaio, publicado em 1761 na revista *The Philological Miscellany* (PLANK, 1992, p. 22). Importante ressaltar que apesar da diferenciação de Beauzée ser bastante ilustrativa, há diferenças consideráveis entre sua compreensão da linguagem e a de Smith (BERRY, 1974, p. 132 e 133).

¹⁹ Em carta para George Baird em 1763, Smith afirma que os verbetes da *enciclopédia* lhe trouxeram bastante entretenimento nos assuntos relativos à gramática (*Correspondence*, 68).

Ao considerarmos tais aspectos, o ensaio *Considerações* pertence aos estudos de *Gramática Geral*, não particular. Smith discorre sobre os princípios da formação da linguagem e não estabelece regras particulares sobre uma língua específica. Ao descrever o progresso das línguas a partir das partes do discurso e do desenvolvimento das faculdades mentais, o texto propõe um sistema das regras gerais de formação da linguagem. Em suma, há uma predominância da finalidade de estabelecer princípios de caráter universal em relação ao de narrar a história do progresso de uma língua particular, como o inglês²⁰.

Por outro lado, a constituição de um sistema é, na obra de Smith, um processo análogo à própria construção das línguas. Essa comparação permite explorar aspectos importantes da constituição do entendimento humano sobre o mundo ao redor, pois a linguagem tanto é a base sobre a qual todos os conhecimentos erguem-se, quanto apresenta um modelo de funcionamento da mente²¹. Inclusive, em carta para George Baird, Smith, ao comentar sobre um resumo de William Ward²² sobre a elaboração de uma Gramática Racional, escreve que essa seria “não apenas o melhor Sistema de Gramática [System of Grammar], [...] como também a melhor História do progresso natural da mente humana sobre a formação das mais importantes abstrações sobre as quais todo entendimento [reasoning] depende” (*Correspondências*, 68). Pelo trecho destacado, percebe-se como o conhecimento humano para Smith está imbricado à linguagem. E, dessa forma, percebemos que *Considerações sobre a primeira formação das línguas* pode ser visto como uma parte complementar do trabalho empreendido por Smith em *História da Astronomia, História da Física e História da Metafísica*.

A linguagem e o entendimento caminham juntos, segundo Smith, pois o próprio signo contém um esforço de sistematização e, portanto, é uma forma de conhecimento. É possível compreender o processo de construção de signos enquanto o nome de um objeto particular e familiar que, pelo contínuo aumento de experiência e observação, torna-se uma denominação de vários objetos similares. A palavra caverna, por exemplo, surge como um nome próprio, isto é, a partir da relação entre certo indivíduo e uma caverna

²⁰ Marcelo Dascal, por exemplo, afirma como o ensaio *Considerações* “torna-se o modelo clássico da forma de investigação com mais ênfase na reconstrução lógica que na cronológica [...]” (DASCAL, 2006, p. 85). Entretanto, devemos ressaltar que a observação do progresso das línguas é imprescindível para a sua investigação.

²¹ Segundo Thomas Reid (1852, p. 735), há uma mudança no ensino de filosofia na Universidade de Glasgow, passando de uma visão que prioriza a lógica em relação aos demais conhecimentos para uma que parte da análise das faculdades do entendimento e, posteriormente, expõe uma visão histórica do progresso do entendimento.

²² William Ward of Broughton é o autor de *An essay on Grammar, as it may be applied to the English [...]* (*Correspondence*, 68)

específica (*Considerações*, 1). Conforme o contato com outras cavernas, aquela palavra de caráter particular que expressa uma relação bastante específica, torna-se geral, pois o ser humano, ao deparar um objeto similar a outro já conhecido, tende a utilizar a mesma expressão para se referir ao novo e “aquelas palavras, as quais eram originalmente os nomes próprios de indivíduos, cada uma dela torna-se, insensivelmente, o nome comum de uma multidão” (*Considerações*, 1)²³. Ou seja, o termo caverna deixa de representar algo singular e passa a se referir a todo um conjunto de objetos com a capacidade de prover abrigo (*Considerações*, 1). Nesse processo, o efeito de abrigar torna-se um princípio ligado pela imaginação à palavra caverna, que, por sua vez, passa a ser análoga a um sistema.

O peso da imaginação na constituição da linguagem abre margem para considerar a construção dos saberes na obra Smith como algo fortemente subjetivo e relativo. Essa abertura origina um amplo debate sobre se, na visão de Smith, as conexões formadas pela imaginação entre diversos objetos seriam produto exclusivo da própria mente humana e completamente subjetivos, ou se elas estariam de fato presentes na natureza para serem encontradas²⁴. Para o autor, é o prazer de obter padrões – em decorrência de sentimentos de cunho individual – que impulsiona a mente a criá-los. A centralidade desse deleite enfatiza o aspecto subjetivo do conhecimento, pois a origem deste está fundada na satisfação de anseios individuais, o que poderia levar a conclusão que os modelos seriam adotados por critérios completamente subjetivos.

Porém um sistema – seja um modelo astronômico seja uma palavra – somente é estabelecido conforme seu uso é intensificado em determinado grupo, segundo Smith. A constituição de tal hábito depende de os signos expressarem de maneira simples as interações com a natureza, porque quanto mais simples for tal conexão, mais fácil para as pessoas se familiarizarem. Apesar do primeiro ímpeto ser bastante subjetivo, os signos somente são reiterados conforme podem expressar as observações de, pelo menos, parte significativas dos indivíduos do grupo. Consequentemente, a aceitação de um termo depende de certa intersubjetividade dessas observações.

²³ Em *Considerações*, Smith escreve que “os homens são naturalmente inclinados a dar a um objeto o nome de um outro com o qual mantenha uma estreita semelhança, e assim denominar uma multidão por uma palavra que foi originalmente designada para expressar um indivíduo” (*Considerações*, 1).

²⁴ Berry (2006, p. 121-126) apresenta certa oposição entre as interpretações de caráter anti-realista e realista das obras de Smith, sendo as primeiras fundamentadas na ideia que os sistemas são produtos exclusivos da imaginação e enquanto as segundas enfatizam a importância da realidade na sua conformação. Sobre o tema, Skinner e Raphael (1982 [1980], p. 12 e 13) problematizam sobre a presença de uma subjetividade na produção de ciência e, ao mesmo tempo, uma busca por uma objetividade. Já Land (1977, p. 680), distancia Smith de Condillac e Rousseau, ao afirmar que, para Smith, as classes não são de caráter puramente verbal, pois as semelhanças, de fato, existem na natureza.

As expressões, portanto, não podem ser complemente aleatórias e independentes das manifestações da natureza dentro da concepção de linguagem exposta por Smith. Análogo ao signo, um modelo astronômico é adotado conforme provê uma conexão mais coerente para as diversas observações dos movimentos dos astros (HA, IV.68). Portanto, apesar de serem, de fato, produto da imaginação, uma palavra ou um sistema passam a ser adotados apenas se tiverem capacidade de conectar os diferentes fenômenos observados por várias pessoas de maneira convincente, sendo consolidados pelo costume²⁵. Eles são sempre, em última instância, provisórios, pois estão igualmente sujeitos a novas observações e, ainda, ao aumento da capacidade de abstração.

Ao seguir na relação entre signo e sistema, é possível compreender a produção de conhecimento como a continuidade do processo de criação de signos. Ambos são componentes abstratos – seja a expressão caverna seja o princípio de gravidade – que conectam diversos elementos singulares a partir de características comuns. Logo, ao analisar o progresso da linguagem, Smith também está investigando os princípios do conhecimento humano enquanto um processo de abstração e constituição de sistemas. Dentro dessa perspectiva, a criação de espécies e classes com base em certos princípios gerais corresponde tanto ao processo de formação da linguagem como de sistemas astronômicos, explorados por Smith em *História da Astronomia*²⁶. Tais classes são meramente expressões verbais, isto é, apenas existem devido às conexões feitas pela imaginação, entretanto são constituídas na medida que conseguem expressar de maneira mais simples as semelhanças na natureza percebidas pelos diversos indivíduos de um grupo. Como veremos mais adiante, a crítica de Smith de que os metais não podem ser a medida universal de riqueza está fundada no argumento que eles não conseguem ser uma abstração capaz de dar conta de medir a afluência de diferentes sociedades.

Logo, a linguagem está presente em qualquer produção de conhecimento, pois a criação de um sistema não deixaria de ser, em última instância, a elaboração de um signo. Inclusive, o relato de John Millar sobre as aulas de Smith descrito por Dugald Stewart

²⁵ Smith descreve, em *História da Astronomia*, como o sistema de Kepler, apesar de conseguir conectar certas irregularidade dos sistema de Copérnico, não foi incorporado aos principais modelos astronômicos posteriores: “Até mesmo aqueles astrônomos, os quais uma séria atenção convenceu da adequação [justness] de suas correções [alterações de Kepler aos sistema de Copérnico], eram ainda tão familiarizados [enamoured] com as órbitas circulares, que eles tentaram combinar seu sistema com aqueles antigos, apenas por preconceitos naturais” (HA, IV.58). Assim, é importante perceber como a redução do número de princípios está associado ao grau de persuasão do modelo e, conseqüentemente, ao seu estabelecimento pelo uso dentro de um grupo.

²⁶ Em *História da Astronomia*, Smith explicita a relação entre a formação de linguagem e conhecimento: “Onde pode-se observar apenas uma única qualidade que é comum a uma grande variedade de objetos, por outro lado muito distintos, essa única circunstância será suficiente para conectá-los todos juntos, para reduzi-los a uma classe comum, e para chamá-los por um nome geral” (HA, II.1).

reafirma tal importância, pois “o melhor método de explicar e ilustrar os vários poderes da mente humana [...] surge do exame das várias maneiras de comunicar nossos pensamentos pelo discurso [speech], e de uma atenção aos princípios daquelas composições literárias que contribui para a persuasão ou o entretenimento” (Stewart, I.16).

IV. A maneira de compor ciência

Adam Smith lecionou aulas de retórica e belas letras, a partir de 1748, pela iniciativa de Lord Kames, James Oswald e Robert Craigie na Universidade de Edimburgo (BEVILACQUA, 1965, p. 41 e 42; BRYCE, 1983, p. 1-4). Posteriormente, já na Universidade de Glasgow, continuou a tratar de assuntos relacionados ao tema. Como mandou queimar todos os seus manuscritos antes de sua morte, as únicas anotações sistematizadas disponíveis dessas aulas – escritas provavelmente por algum aluno – são dois volumes descobertos por John M. Lothian em 1961, os quais são referentes ao curso ofertado nos anos 1762 e 1763 já na Universidade de Glasgow (BRYCE, 1983, p. 1-4). Tais anotações foram publicadas pela primeira vez na *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* com o nome de *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (*Lições de Retórica e Belas Letras*). Elas abarcam, ao todo, vinte e nove aulas que passam por tópicos ligados à constituição das línguas²⁷, ao estilo de escrita e as diferentes formas de composição.

Esse último tema – as diferentes formas de composição – traz muitos elementos para analisarmos o método empregado por Smith ao longo de suas investigações. A distinção entre as três formas de composição – narrativa, didática e retórica²⁸ – é feita por Smith conforme a função que apresenta maior expressão em cada uma delas: a descrição é o princípio preponderante nas composições narrativas, enquanto provar proposições prevalece nas didáticas e retóricas. Estas, por sua vez, são diferenciadas pelo prevalecimento da instrução na primeira e da persuasão na segunda (LRBL, i. 149). Como a ciência, ou a filosofia, é associada à composição didática, é possível explorar a forma como Smith compreende a produção de conhecimento científico a partir dessa forma específica de expressão textual.

As afirmações presentes nas anotações de *Lições sobre Retórica e Belas Letras* sobre a adequação do modo didático ao ensino e às investigações filosóficas é uma forte

²⁷ A aula de número três (ou a segunda presente nas anotações, pois não há o relato da primeira aula do curso) das Lições de Retórica e Belas Letras corresponde a uma versão simplificada do ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas*.

²⁸ A composição retórica pode ser subdividida entre demonstrativa, deliberativa e judiciária (LRBL, ii.97).

evidência para supor que Smith fez seu uso ao longo de suas aulas e suas obras²⁹. Segundo Smith, a composição didática é a mais adequada para a instrução e para a prática da ciência. Suas “[...] divisões e subdivisões são muito úteis [...] inclusive naqueles escritos em que o propósito é proporcionar um sistema de alguma ciência, como a Filosofia Natural” (LRBL, ii.131). Portanto, apesar de terem muitos recursos narrativos como instrumento argumentativo, os textos de Smith apresentam forte caráter instrutivo e são voltados para a produção de conhecimento sistemático, podendo ser classificados enquanto composições didáticas.

Em *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, elencam-se duas maneiras de elaborar uma composição didática: a formulação de um ou poucos princípios pelos quais se explica diversos fenômenos ou a enumeração de diversos objetos a serem explicados por diferentes princípios (LRBL, ii.134). Smith considera o primeiro mais apropriado para a prática filosófica, o que nos leva a imaginar ter sido empregado ao longo de suas obras. Ao voltarmos para estas, tal intuição parece ser confirmada, pois o princípio da simpatia é exposto no início de *Teoria dos Sentimentos Morais*, enquanto a divisão do trabalho e a propensão à troca são apresentadas nos primeiros dois capítulos de *A Riqueza das Nações*³⁰. Nesse sentido, Smith parece buscar formular um ou poucos princípios e, a partir deles, explicar os mais diversos fenômenos³¹.

A ênfase por começar pela exposição de princípios está atrelada à elaboração de um sistema simples, o qual logre organizar um conjunto de representações da natureza pelo menor número de mecanismos possível. A simplicidade de um sistema, de acordo com Smith, agrada e convence a mente humana, pois torna-se mais fácil estabelecer uma associação entre os diversos fenômenos. Por exemplo, o sistema de Newton para Smith apresenta alto grau de poder explicativo das observações astronômicas, pois a gravidade é um princípio simples com capacidade de conectar os mais variados movimentos dos astros, tornando-se mais simples a conexão entre eles (HA, IV. 67). Ainda nas anotações das *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, o método didático que começa pela enumeração de princípios – considerado o mais adequado por Smith – é equiparado ao newtoniano:

²⁹ Adam Smith foi um professor desde 1748, na Universidade de Edimburgo, até 1763, em Glasgow e, ao colocar a composição didática como a mais adequada para a instrução, é muito provável que a tenha utilizado ao longo de suas aulas. Além disso, deve-se ressaltar como Smith era reconhecido por suas aulas, inclusive, o relato de John Millar segundo Dugald Stewart afirma como “Não havia nenhuma situação na qual as habilidades do Sr. Smith tivessem maior vantagem que como Professor (Stewart, I.21). Cf. Stewart, III.6; BELIVACQUA, 1965, p. 41 e 42.

³⁰ Campbell (1981, p. 29-33) menciona a associação entre a *Teoria dos Sentimentos Morais* e o método de composição didática.

³¹ A própria investigação sobre os modos de composição inicia-se com a formulação de dois princípios: o de narrar e o de provar proposições, isto é, a própria composição didática é utilizada por Smith para explicar as diferenças entre os distintos tipos de composição.

"esse método, que podemos chamar de newtoniano, é sem dúvida o mais filosófico, e quando empregado a qualquer ciência, seja da filosofia moral seja da filosofia natural, é muito mais inventivo, e por essa razão é mais fascinante que o outro" (LRBL, ii.134)³². Logo, Smith avalia a composição didática com base em poucos princípios baseada, ao seu ver, no método newtoniano como "sem dúvida o melhor em todas as matérias da ciência [...]" (LRBL, ii.135)³³.

Considerar a obra de Smith como uma composição didática não significa a ausência de história. Apesar de provar proposições ser a característica predominante das composições didática e retórica, aspectos narrativos também costumam estar presentes nelas. A História tem o desígnio, segundo Smith, não de provar ou convencer, e sim de descrever uma cadeia de acontecimentos. Não lhe cabe verificar ou provar a veracidade dos fatos, mas apenas narrar os acontecimentos e apontar suas causas de maneira a realizar uma narrativa com o mínimo grau de interrupções (LRBL, ii.13 e 14). Logo, ela é voltada para o encadeamento de acontecimentos particulares, pois estabelece conexões entre eventos singulares ocorridos em um momento específico do tempo, e não apresenta uma aspiração de estabelecer relações universais.

O ímpeto de procurar estabelecer regras gerais por meio da comparação entre diferentes manifestações do fenômeno em questão acaba por conformar as investigações empreendidas por Smith. Tal maneira consiste em buscar um ponto de vista que consiga ir além dos costumes e da moral prevalecente em cada lugar, não diferindo muito do olhar do espectador imparcial presente na *Teoria dos Sentimentos Morais* (TMS, II.ii.2.4). Essa perspectiva imparcial é um dos fundamentos no estabelecimento da ideia do trabalho como medida mais geral de riqueza em comparação aos metais e aos produtos agrícolas, propostas defendidas, segundo Smith, pelos mercantilistas e pelos fisiocratas, respectivamente.

V. O trabalho como medida real da riqueza

³² É perceptível como a simplicidade do sistema é parte do que Smith valoriza em sua concepção da teoria de Newton, inclusive, nas *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, Smith associa a forma de composição didática com início em um ou poucos princípios para explicar uma gama de fenômenos com o modelo de Isaac Newton: "ou, seguindo Isaac Newton, podemos expor certos princípios reconhecidos ou comprovados no início, a partir dos quais prestamos esclarecimentos sobre os vários fenômenos, conectando-os por meio do mesmo encadeamento" (LRBL, ii.133). Inclusive, Smith faz diversos elogios à beleza e simplicidade do modelo newtoniano. Cf. HA, IV.67 e LRBL, ii. 133.

³³ Não vamos entrar no mérito se o método utilizado por Newton realmente correspondente a uma composição didática. Apenas ressaltamos que Smith avaliava o sistema de Newton como tal. As relações entre os métodos de Smith e Newton fazem parte de um amplo debate, o qual não será possível explorar nesse artigo devidamente. Para uma melhor apreciação sobre o assunto, cf. MONTES, 2006 e 2013, BERRY, 2006; REDMAN, 1993 e CERQUEIRA 2006.

Ao olhar *A Riqueza das Nações* à luz da noção de composição didática e das concepções epistemológicas apresentadas por Smith ao longo de seus mais diversos ensaios, é possível interpretar a obra enquanto a proposição de um sistema de Economia Política. Essa proposta tem o objetivo de elaborar um modelo simples – ter o menos número de princípios possíveis – e geral – presente nas mais diversas circunstâncias. De forma análoga aos sistemas sobre o movimento dos astros apresentados em *História da Astronomia*, um sistema de Economia Política corresponde a um modelo de compreensão do processo de enriquecimento. Ou seja, é o estabelecimento de poucos princípios capazes de explicar os mecanismos do acúmulo de riquezas em diversas situações. Nesse contexto, Smith propõe, baseando-se na propensão à troca, o trabalho como “real medida” de riqueza (WN, I.v.1)³⁴, buscando formular um princípio de conexão mais geral que de outros modelos.

É importante destacar que *A Riqueza das Nações* é a elaboração de um sistema – baseado no modelo newtoniano e segunda as regras da composição didática– que se contrapõe, principalmente, aos modelos mercantilista e fisiocrático³⁵. Ambas teorias são apresentadas no Livro IV da obra, ressaltando-se os efeitos, muitas vezes negativos, gerados por suas aplicações (WN, I. 8 e IV.2). Em outras palavras, Smith estaria propondo uma teoria econômica que, ao seu ver, seria superior em relação às duas outras vertentes. O princípio apontado por Smith do trabalho ser a verdadeira medida de valor é uma regra mais geral ao longo do progresso da história do que as noções da riqueza como exclusivamente os metais – atribuída ao modelo mercantilista – ou apenas nos produtos agrícolas – visão da Fisiocracia. Nesse sentido, *A Riqueza das Nações* equivale ao que Smith apontou como a maior contribuição de Newton para o estudo da astronomia: “a descoberta de uma imensa cadeia das verdades mais importantes e sublimes, todas intimamente conectadas entre si, por um fato capital, da realidade que temos experiência cotidianamente” (HA, IV. 76).

Com base na noção do trabalho como medida geral de valor, Smith aponta críticas substanciais, explicitadas nas *Lições sobre Jurisprudência* e ainda presentes em *A Riqueza das Nações*, aos sistemas de Economia Política adeptos das crenças da opulência nacional residir apenas nos metais ou somente na produção agrícola. Em relação ao mercantilismo, os metais, conforme critica Smith, não podem ser um padrão de medida para avaliar a riqueza em diferentes circunstâncias, pois seu valor varia ao longo do

³⁴ Para uma análise mais detalhada sobre o emprego do termo riqueza (*wealth*) por Smith, cf. ASPROMOURGOS, 2009.

³⁵ Smith utiliza, respectivamente, os termos sistema de comércio e sistema da agricultura (WN, IV.2)

tempo. Aliás, são estabelecidos como padrão de medida³⁶ em certas sociedades devido, principalmente, a sua beleza e à facilidade de determinar com precisão seu peso e seu conteúdo, sendo algo mais ligado ao costume e, portanto, particular de uma sociedade³⁷. A alusão aos metais como medida de riqueza geral seria, portanto, atribuir a uma construção social o caráter de universal, de maneira não muito diferente que Sanctius, conforme descrito em *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, considera geral o atrelamento de um sujeito aos verbos, o que seria o caso dos verbos pessoais, mas não impessoais.

A confusão de metais como a principal fonte de riqueza para Smith é causa de uma dupla função do dinheiro: medida de valor e instrumento de comércio. Como os indivíduos calculam o valor dos bens desejados – medida de valor – e o adquirem pela troca com o dinheiro – instrumento de comércio – seria comum associar a pessoa rica ou a nação soberba com a quantidade de dinheiro acumulado. Smith cita o exemplo dos tártaros que “costumavam perguntar-lhe [ao Plano Carpino, monge enviado como embaixador da França] se havia muitas ovelhas e bois no reino da França” (WN, IV.i.2) de forma análoga aos espanhóis perguntando sobre os metais nas Américas. Portanto, os metais, assim como o trigo e os animais, por terem seu valor alterado pelas determinações do mercado e dos costumes, não podem ser o padrão de medida geral³⁸ nem fornecer o valor real das mercadorias ou da riqueza³⁹. Eles não são, pois, a medida de valor em todas as sociedades, isto é, não são uma regularidade na história do progresso humano, mas uma manifestação circunstancial da forma de barganhar e persuadir proveniente dos costumes encontrados na Europa do século XVIII. O problema está, como já mencionado, em confundir o particular com o geral, pois “apenas o trabalho nunca tem seu valor alterado e, portanto, é a medida única e real pela qual o valor de todos os bens pode ser estimado e comparado em qualquer tempo e lugar. Ele que é o preço real, o dinheiro é apenas o preço nominal” (WN, I.v.7).

³⁶ Uma medida de valor é uma mercadoria utilizada como padrão de referência para o intercâmbio entre as demais mercadorias. Ser o padrão de referência não significa a sua utilização para permear as trocas, mas apenas para fornecer as referências dos valores das demais mercadorias.

³⁷ Vale ressaltar como um padrão de medida para Smith não é definido a partir de critérios utilitários, mas por questões ligadas fortemente ao costume, à familiaridade e à estética de cada sociedade, o que explicaria o uso de animais como ovelhas por sociedades pastoris.

³⁸ As mercadorias têm seus valores determinados pelas circunstâncias de mercado. Cf. WN, Capítulo 3.

³⁹ Os metais para Smith são mercadorias necessárias para realizar a circulação das demais e, assim como quaisquer mercadorias, têm seu valor em sua capacidade de comandar trabalho, o qual varia a depender das circunstâncias (WN, I.v.7).

Já o sistema fisiocrático⁴⁰ é bastante elogiado no Livro IV de *A Riqueza das Nações*⁴¹. Ele é considerado superior em comparação ao Sistema Mercantilista por avaliar a riqueza como bens consumíveis, embora apenas os agrícolas, e não como os metais, não passíveis de consumo. Entretanto, ao apontar diversas críticas ao sistema baseado na agricultura, Smith destaca o erro de não considerar o trabalho dos produtores de manufaturas enquanto trabalho produtivo, pois um artífice que produz o equivalente a 10 libras (pounds) em poder de compra, fornece bens de consumo correspondente a 10 libras, assim como um agricultor que colhe 10 libras em cereais (WN, IV.ix.32)⁴².

Por trás dessa crítica está a importante noção do trabalho como a verdadeira medida de afluência, pois: “o preço real de cada objeto, o que realmente custa ao homem que deseja adquiri-lo é o trabalho e o transtorno [toil and trouble] de obtê-lo” (WN, I.v.2). Dessa forma, a aquisição de um bem nada mais é que se poupar o trabalho de produzi-lo, em outras palavras, de persuadir alguém a fazer algo para nós. Entretanto, tal processo só é possível mediante a troca, porque, sem esta, cada indivíduo apenas usufruiria dos resultados do próprio esforço, além de não haver motivação para obter excedente. O trabalho como medida de valor, portanto, está ancorado no princípio de propensão à troca, pois é apenas devido à possibilidade de intercâmbio de objetos que se pode usufruir dos frutos do trabalho alheio. Apesar de não se delongar muito no tema da propensão à troca, Smith escreve sobre a grande probabilidade da origem dela ter sido em outra propensão humana: a de persuadir. Ora, quando se quer algo de um semelhante, tenta-se persuadi-lo ou convencê-lo, sendo a troca de mercadorias apenas uma forma de persuasão específica elaborada conforme o desenvolvimento da sociedade. As trocas surgem enquanto forma de comandar o trabalho alheio, de convencer o outro a realizar uma tarefa para nós: “dê-me aquilo que eu quero e você terá o que você quer é o significado de qualquer oferta dessa espécie, e é dessa maneira que obtemos uns dos outros a maior parte dos ofícios os quais tanto precisamos” (WN, I.ii.2). Seguindo essa perspectiva, interpretamos a noção de Smith das trocas como o estabelecimento de uma linguagem de barganha, pela qual pode-se obter objetos de desejo a partir do trabalho alheio.

⁴⁰ Smith não utiliza o termo Fisiocracia, mas a referência à Escola é clara ao citar Quesnay e Mercier de la Riviere, além de se referir aos *Os Economistas* (*The Economists*), maneira pela qual era conhecida a escola na França (WN, IV.ix). Sobre Smith e a Fisiocracia, ver Rodrigues (2017).

⁴¹ A análise de Smith sobre os fisiocratas concentra-se no último capítulo – intitulado *Do Sistema agrícola, ou daqueles sistemas de Economia Política que representam o produto da terra enquanto a única ou a principal fonte da riqueza e da receita de cada país* – do Livro IV de *A Riqueza das Nações*.

⁴² Pode-se destacar uma importante diferença dos produtores de manufaturas para os servidores (menial servants), aqueles que trabalham sem produzir algo de material e, conseqüentemente, sem acrescentar valor ao fundo de riquezas da sociedade, segundo Smith (WN, II.iii.1)

O valor de uma mercadoria, portanto, é associado ao trabalho que pode movimentar. Ele, de acordo com Maurício Coutinho (1990, p. 116 e 117), deve remeter à faculdade que as mercadorias têm, na troca, de comandarem trabalho. Portanto, a nação para Smith, de maneira análoga ao indivíduo, é mais ou menos rica conforme sua capacidade de comandar trabalho alheio a fim de adquirir objetos de seu desejo. A riqueza, dentro dessa perspectiva, corresponde a um poder de persuasão sobre o esforço dos demais, podendo ser percebida como um exercício de domínio, o qual “[...] essa posse [de uma fortuna] propicia-lhe [...] certo comando sobre todo trabalho, ou sobre toda a produção do trabalho presente no mercado” (WN, I.v.3). Afinal, conforme menciona Smith, a “riqueza, segundo Hobbes, é poder” (WN, I.v.3). Na sociedade feudal, tal poder é expresso pela propriedade da terra, enquanto na sociedade comercial, pela posse de mercadorias, como os próprios metais. Todavia, o princípio comum entre essas e outras circunstâncias é a capacidade de comandar trabalho.

Porque os metais, assim como outras mercadorias, não são uma referência de medida presente ao longo do tempo, é necessário buscar um princípio comum. Para tanto, é imprescindível o estudo do progresso do enriquecimento de várias nações. Sem tal comparação, não há como destacar o que é regular nesse processo⁴³. Essa proposta de investigação fornece as bases para as futuras ciências humanas: a procura de um julgamento imparcial para apreciar as instituições sociais. A obra *A Riqueza das Nações*, pois, pode ser interpretada enquanto uma tentativa de sintetizar todo um conjunto de fenômenos da maneira mais simples possível. A medida de riqueza como a capacidade de comandar trabalho é um princípio válido para todas as etapas de desenvolvimento do corpo social. Logo, é mais geral que os modelos fisiocrático e mercantilista. Adam Smith elabora, portanto, um sistema de Economia Política, seguindo o seu próprio modelo de composição didática, com o objetivo de fornecer os princípios do processo de acumulação de riquezas visando a orientação para a formulação de leis da nação.

V. Considerações finais

Ao longo desse artigo, procuramos mostrar que a teoria do valor proposta por Adam Smith não está apartada das concepções de ciência e linguagem do próprio autor, mas muito pelo contrário. Tanto o conhecimento quanto a comunicação resultam do enorme esforço da mente humana de comparar diferentes observações e fenômenos de maneira a abstrair certas regularidades que possam conectá-los, como os modelos astronômicos

43

(que formam elos entre os movimentos dos astros) e a palavra caverna (que faz referência a uma multiplicidade de cavernas particulares). Essa relação consegue, de um lado, criar encadeamentos entre as diferentes partes da obra de Smith e, de outro, trazer elementos para afirmar que há consistência considerável do método empregado pelo autor ao longo de suas investigações.

Ademais, a valorização da capacidade de um sistema baseado em poucos princípios expressar o maior número de manifestações da natureza está implícita na crítica de Smith quanto à medida de riqueza adotada pelos mercantilistas (isto é, os metais) e àquela proposta pelos fisiocratas (bens agrícolas). O trabalho, segundo *A Riqueza das Nações*, é uma medida mais geral que os metais e o bens agrícolas, pois “o trabalho foi o primeiro preço, a moeda de compra original que foi empregada para pagar todas as coisas. Não foi o ouro ou a prata, mas o trabalho, que toda a riqueza do mundo foi originalmente comprada” (WN, I.v.2).

Como mencionado anteriormente, Smith enfatiza que as conexões entre as representações da natureza são produto de um esforço intelectual. É a imaginação que cria um encadeamento por meio da contínua comparação entre os diferentes eventos e da abstração do que há em comum entre eles. Dessa forma, a real medida da riqueza ser considerada o trabalho nada mais é que uma abstração da regularidade construída por Smith a partir da constituição da riqueza de distintas sociedades. Portanto, da mesma forma que a linguagem, a afluência apresenta diversas manifestações particulares – seja metais, seja alimentos –, o que não inviabiliza o estabelecimento de uma regularidade comum a toda forma de riqueza.

A aproximação entre ciência e linguagem torna-se ainda mais forte ao vermos a importância que Smith atribui, segundo as *Lições de Retórica e Belas Letras*, à maneira pela qual é exposto o conhecimento científico. A ciência precisa ser expressa de uma maneira correta, pois a linguagem e o arranjo da composição são partes constitutivas da filosofia. Por isso que Smith apresenta a forma adequada de compor um texto voltado para a apresentação de um sistema, isto é, uma composição didática.

Retomando alguns pontos levantados na introdução, acreditamos que as considerações metodológicas de Adam Smith podem servir como um ponto de partida, com suas devidas mediações, para pensar a prática da ciência econômica. Esta, segundo Smith, não poderia ser concebida de maneira independente de convenções sociais, pois o próprio conhecimento é produzido por meio dessas convenções. Isso não significa que a prática científica é completamente arbitrária, mas que ela não pode se colocar acima da própria sociedade, pois, em última instância, também é fruto dela. Por último, a relação

entre linguagem e conhecimento estabelecida por Smith traz contribuições para pensarmos a forma de expressar o conhecimento científico, pois a maneira pela qual o expressamos pertence e influencia na própria prática do fazer ciência. Em suma, acreditamos que as considerações de Smith sobre o tema podem ilustrar a importância de pensar no papel ativo que os cientistas sociais têm na construção do próprio conhecimento.

V. Referências bibliográficas

- AMROZOWICZ, M. C. Adam Smith: History and Poetics In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ASPROMOURGOS, T. **The Science of Wealth: Adam Smith and the framing of political economy**. New York: Routledge, 2009.
- BERRY, C. Adam Smith's Considerations on Language. **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, vol. 35, n. 1, 1974, pp. 130-138.
- _____. **Social Theory of the Scottish Enlightenment**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- _____. Smith and Science. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BEVILACQUA, V.M. Adam Smith's Lectures on Rhetoric and Belles Lettres. In: **Studies in Scottish Literature**, vol. 3, n. 1, 1965.
- BRYCE, J.C. Introduction. In: SMITH, A. **Lectures on rhetoric and belles lettres**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983.
- CAMPBELL, R.H.; SKINNER, A. General Introduction. In: SMITH, A. **An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations**, vol. I. Indianapolis: Liberty Fund, 1981[1976].
- CAMPBELL, T.D. **Adam Smith' Science of Morals**. London: George Allen and Unwin, 1971.
- CERQUEIRA, H. G. A Mão invisível de Júpiter e o método newtoniano de Smith. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol. 36, n. 4, 2006.
- _____. Para ler Adam Smith: novas abordagens. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 32, n. 103, 2005.
- _____. Sobre a filosofia moral de Adam Smith. **Síntese**. Belo Horizonte, v.35, n. 111, 2008.
- COUTINHO, M. C. **Lições de Economia Política Clássica**. Tese de Livre Docência. Campinas, 1990.

- DASCAL, M. Adam Smith's Theory of Language. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- FLEISCHACKER, S. **On Adam Smith's Wealth of Nations: a philosophical companion**. Princeton University Press: Princeton e Londres, 2004.
- HAAKONSSSEN, K. Introduction: The Coherence of Adam Smith's Thought. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- _____. **The Science of a Legislator: the natural jurisprudence of David Hume and Adam Smith**. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- HONT, I. The Language of sociability and commerce: Samuel Puffendorf and the theoretical foundations of the 'Four-Stages Theory'. In: PAGDEN, A. (Ed.) **The languages of political theory in early-modern europe**. New York: Cambridge University Press, 1987.
- HUME, D. **Dialogues and Natural History of Religion**. Oxford and New York: Oxford World's Classics, 1998.
- _____. **Essays moral, political and literary**. Indianapolis: Liberty Fund, 1994 [1777].
- JOHNSON, S. (1755). **A Dictionary of the English Language: A Digital Edition of the 1755 Classic by Samuel Johnson** (B. Besalke, ed.). Disponível em: <http://johnsonsdictionaryonline.com/>. Acesso em 12 de maio de 2018.
- KAMES, L. **Sketches of The History of Man**. 3 vol. Edited by James A. Harris. Indianapolis: Liberty Fund, 2007 [1774].
- LEWIS, T. Persuasion, Domination and Exchange: Adam Smith on the Political Consequences of Markets. **Canadian Journal of Political Science**, Vol. 33, No. 2, 2000. pp. 273-289.
- MEEK, R. L. **Smith, Marx and After: Ten Essays in the Development of Economic Thought**, Champman and Hall. 1977.
- _____. **Social science and the ignoble savage**. New York: Cambridge University Press, 1976.
- MILLAR, J. **The Origins of the Distinction of Ranks**. Edited and with an Introduction by Aaron Garrett. Indianapolis: Liberty Fund, 2006.
- MIZUTA, H. **Adam Smith's Library: a supplement to Bonar's Catalogue with a checklist of the whole library**. London: Cambridge University Press, 1967.
- MONTES, L. Newtonianism and Adam Smith. In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C.

- PHILLIPSON, N. Language, sociability, and history: some reflections on the foundations of Adam Smith's science of man. In: COLLINI, S.; WHATMORE, R.; YOUNG, B. (ed.). **Economy, Polity, and Society: British Intellectual History 1750-1950**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- PLANK, F. Adam Smith: grammatical economist. In: JONES, P.; SKINNER, A. (ed.). **Adam Smith Reviewed**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.
- POCOCK, J.G.A. Adam Smith and History. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- RAPHAEL, D.D.; SKINNER, A.S. General Introduction. In: **Essays on Philosophical Subjects**. Liberty Fund, 1982.
- REDMAN, D. Adam Smith and Isaac Newton, **Scottish Journal of Political Economy**, v. 2, n. 1, 1993.
- REISMAN, D.A. **Adam Smith's sociological economics**. New York: Harper & Row Publishers, 1976.
- SCHUMPETER, J. **History of economic analysis**. Londres: Routledge, 1954.
- SCOTT, W.R. **Adam Smith as Student and Professor**. New York: Augustus M. Kelley, 1965 [1937].
- SMITH, A. **Theory of Moral Sentiments**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations**. Indianapolis: Liberty Fund, 1981.
- _____. **Essays on Philosophical Subjects**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983.
- _____. **Lectures on jurisprudence**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **The Correspondence of Adam Smith**. Indianapolis: Liberty Fund, 1987.
- STEWART, D. Dugald Stewart: Account of the Life and Writing of Adam Smith. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- SWEARINGER, J.C. Adam Smith on Language and Rhetoric: The Ethics of Style, Character, and Propriety. In: In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WIGHTMAN, W.P.D.; BRYCE, J. C. Introduction to The History of Astronomy, The History of Ancient Physics and The History of the Ancient Logics and Metaphysics. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Liberty Fund, 1982a.
- WINCH, D. **Adam Smith's Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.